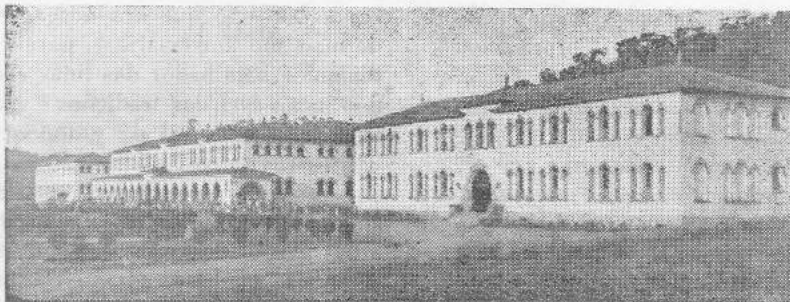




Diretor:

JOSÉ FARAH



Gerente: H. Rímolo

Secretário: J. R. Uchôa

Órgão Informativo, Agrícola e Cultural dos Professores e Funcionários da Escola Agrotécnica do ESPÍRITO SANTO

ANO I

São João de Petrópolis, 1.º de Junho de 1948

N.º 8

Sejam bemvidos, agricultores do Brasil

A Escola Agrotécnica "Espírito Santo" está sentindo nestes dias a vibração intensa da vida porque pela segunda vez congrega em seu seio, Agricultores de toda região para ministrar-lhes ensinamentos e práticas racionais, indispensáveis ao melhoramento e aumento da produção.

Não poderíamos por isso, diante desta vitória que estamos presenciando, faltar com a homenagem à nossa Escola quando ela levanta num só fôlego, durante uma semana inteira, a sua voz evangelizadora do meio rural, levando-a ao contato destes heróis anônimos em cujos braços repousa a grandeza do Brasil.

A "2ª. Semana dos Lavradores" e a "2ª. Semana Ruralista Feminina", aí estão para comprovar que a Escola marcha. Marcha e há de marchar sempre, cheia de fé e orgulho, visando a reta ascensional, cumprindo com o programa que define e sintetiza todo o seu ideal: "Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente".

Sim, a obra que aqui se vem realizando atinge já proporções gigantescas pois que em todos os recantos, onde quer que haja um braço erguido no abençoado gesto do Semeador, lá está junto, ao seu lado, o espírito de nossa Escola, colaborando e orientando, ensinando e animando na resolução dos seus complexos problemas.

E é nesta oportunidade, quando os votos de boas vindas aos senhores Lavradores se erguem num mixto de alegria e sinceridade para todos os que trabalham nesta casa, sentimos que estamos criando uma geração de homens sadios e fortes, aptos para lutar contra a guerra da vida, de modo a colocar a Pátria entre as mais consideradas do mundo.

Compreendendo perfeitamente o eficiente e extraordinário trabalho que vem desenvolvendo a ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE VIÇOSA — MINAS, com a sua semana do Fazendeiro, a ESCOLA PRÁTICA DE AGRICULTURA, HOJE ESCOLA AGROTÉCNICA, com Dr. Lúcio Ramos à frente e bem auxiliado pelo espírito sempre jovem e entusiasta do Secretário Prof. Henrique Rímolo, não se fez esperar, iniciando logo essa batalha profícua, conclamando a lavoura espirito-santense para aqui também, em pleno palco do Canaan, ter lugar o espetáculo de brasilidade, de civismo e de trabalho durante o qual muito se aprende e se ensina, fazendo com que nós todos saíamos crendo mais no Brasil.

E ao se fazer justiça a Diretoria da Escola, como a responsável pelo êxito de tão grande realização, cometeríamos erro, não lembrássemos do apoio irrestrito do Governador do Estado, Dr.

(Continua na página 4)



DIA DO CAPIXABA

Em comemoração a data, falando em nome da Escola, a Professora D. Maria Herzog, pronunciou as seguintes palavras:

“Crede, que só por ser minha alma, genuinamente capixaba, que neste momento venho empanar a magnificência da vossa festa, com meu laconismo.

Em meio ao deslumbramento desta festividade, voltemos o pensamento para o 23 de maio de 1535, domingo consagrado pela Igreja ao divino Espírito Santo, em que o donatário Coutinho desembarcára em nosso Estado, e justamente por êsse fato recebeu o lindo e digno nome da terceira pessoa da Santíssima Trindade.

Começou nesse dia longínquo a colonização da terra de Domingos Martins, que não é um Estado grande mas é um grande Estado, e é nosso...

Quantas lutas, dificuldades, renúncias, tiveram de provar nossos antepassados para que o nosso pedacinho de terra brilhasse como brilha hoje na civilização”.

Em todos os recantos da pequenina terra, encontramos sinais indelévels da lealdade dessa gente.

Ora uma escadaria evocando a pessoa admirável de Maria Ortiz e seu tacho de água fervendo. Outras vèzes, é Araribóia que surge com sua perspicácia e coragem... Aquí Pedro Palácios fundando o magnífico Convento da Penha... mais além ergue a figura inconfundível de Anchieta, trabalhando, ensinando, apaziguando e sofrendo pelos seus semelhantes...

Prezado auditório

Seja-me permitido, nesta ligeira saudação, consignar em uníssono com meus colegas, professôres e servidores dêste educandário, louvores e mais louvo-



EXPEDIENTE

“O CULTIVADOR” é um órgão de divulgação quinzenal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender as classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica, “Espírito Santo”.

São seus colaboradores os professores e funcionários dessa Escola.

“O CULTIVADOR” aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de tôdas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

CORRESPONDÊNCIA

Redação do “O CULTIVADOR”
 Escola Agrotécnica
 São João de Petrópolis
 Estado do Espírito Santo.

res a êste teto que ora nos agasalha, pela passagem de mais um aniversário e, parabéns ao nosso Diretor, dinâmico batalhador das lidas educacionais, continuador incansável das tradições e esforço dos nossos antepassados em prôl da grandeza da terra capixaba.

Conterrâneos:

Com os olhos fitos na estrêla azul-rosa, lindo escudo do nosso Estado, sejamos merecedores do nome e das glórias dessa geração que morreu e que, o Brasil inteiro conhece, admira e estima.

Que o nosso lema seja “Trabalha e Confia”!

Vereis então, vossas esperanças se transmudarem em frutos saborosos e na mais clara e encantadora realidade.

UM GESTO E UM MUITO OBRIGADO

Feliz é aquêle que reconhece o valor de uma obra, de uma iniciativa ou de uma realização.

Feliz porque, dentro de sua concepção êle realiza o seu trabalho e compreende o de outrem.

E entre êstes que assim pensam e procedem, encontramos o Sr. Henrique Coutinho, mui digno Prefeito do grande Município de Colatina.

Homem simples e de ação; antigo agricultor, Sr. Henrique vem conduzindo o govêrno do Município com a honestidade que lhe é característica, atendendo de forma correta às necessidades de seu povo, chegando mesmo no sacrifício de seus interesses para o bem comum da coletividade que o elegeu.

Foi assim que compreendendo o alcance que o nosso Jornal representa para a vida dos Lavradores, tomou vinte assinaturas e as distribuiu gratuitamente pelas diversas zonas do Município, num gesto louvável e altruístico.

Muito e muito obrigado, caro Prefeito.

Que a ação que vem desenvolvendo continue a sua trajetória sempre crescente para felicidade de seu povo e engrandecimento de sua terra.

Parabéns, Câmara Municipal pelo incondicional apóio que tem dado ao Governador do Município.

DO QUE TODOS GOSTAM

Eloya S. Campinhos

PUDIM — “QUERO MAIS”

6 ovos, 1 colher (de sopa) de manteiga, 2 de farinha de trigo, leite de um côco (tirado sem levar água), 1 xícara (de chá) de queijo ralado e 500 gramas de açúcar em calda (ponto de pasta).

Misturam-se os ovos (claras e gemas), depois juntam-se a manteiga, o queijo, o leite de côco, a farinha e por último a calda que já deve estar fria. Vai ao forno regular, em fôrma amanteigada.

PALITOS FRANCESES

Batem-se 4 ovos bem batidos, juntam-se depois 2 colheres de manteiga, 8 colheres de açúcar, 1 colher (de sopa) de sal amoníaco, 1 colherinha de sal, um pouco de baunilha ou vanilina. Trigo à vontade.

Espicha-se a massa com o rôlo e passa-se por cima leite e açúcar cristal.

Corta-se do tamanho desejado, e leva-se a assar em taboleiro untado com manteiga.

E a Escola Marcha...

(Um pouco de sua vida)

100100

A fundação desta Escola de Agricultura, adveio mesmo como um imperativo da intensidade da vida rural no Espírito Santo, da fertilidade de suas terras e dos desmandos outrora praticados pelos seus desbravadores, que, cheios tanto de ardor como de imprevidência, tentaram destruir essa fertilidade, com seus processos primitivos de agricultura.

De fato, o Padre Afonso Braz em 1551, já escrevia sobre a terra do Espírito Santo: "...a melhor e mais fértil de todo o Brasil." Tais terras, exceto a faixa litorânea, eram quasi completamente cobertas de matas exuberantes que desapareceram em grande parte, dando lugar à fúria destruidora da erosão.

Daí o sonho dos Governantes, em educar as hostes rurais com a técnica e a providência, asseguradoras da fertilidade, que corria em grandes caudais para o mar ou se evolava no fumo das queimadas.

A "Exposição de Motivos" n.º 889 de 23 de Julho de 1940, apresentada pelo Dr. Enrico Ildebrando Aurélio Ruschi, então Diretor do Departamento Geral de Agricultura, ao Capitão João Punaro Bley, Interventor Federal, foi o primeiro passo oficial para concretizar tal intento. Esses dois homens pois, foram os realizadores do sonho de seus antecessores.

Tal documento, entre outras coisas, preconizava "uma Escola, onde os filhos dos nossos agricultores menos abastados, ou os próprios agricultores, possam, num curso rápido, colher ensinamentos de que tanto necessitam..." enquanto desaconselhava "...no momento, uma Escola Superior...". Indicava também para a localização da Escola, uma grande e fértil bacia em Garanhuns, a 3 quilômetros da cidade da Serra, que fomos incumbidos de inspecionar.

Por Decreto n.º 12.146, de 6 de Setembro de 1940, esses terrenos com área de 6 387 m² e perímetro de 11 885 50 m foram considerados de utilidade pública, para tal fim.

Na mesma data foi assinado outro Decreto Lei n.º 12.147, criando a Escola Prática de Agricultura e esboçando suas finalidades.

Em 9 de Dezembro do mesmo ano o Decreto-Lei 12 359 aprovava os Estatutos e o Regulamento, os quais foram modelados pelos da E. S. A. V. de Viçosa e da Escola Agrícola de Jaboticabal, em São Paulo.

Surgiram então, sérias dificuldades na compra dos terrenos da Serra e o Interventor, disposto a arrear qualquer obstáculo, desistiu deles, adquirindo imediatamente a Fazenda Pagani que se achava à venda e nesta veio de fato construir a Escola. O Interventor Bley, acompanhado do Dr. Enrico Ruschi, Diretor Geral de Agricultura, Dr. Hermes Carneiro, Diretor de Obras e do Agrônomo, Lúcio F. Ramos, visitou essa fazenda e escolheu a posição dos futuros edifícios cuja construção foi logo iniciada com o plano arquitetônico de Olímpio Brasiliense e a execução de Hermes Carneiro.

Ansioso entretanto por ver funcionar a Escola, mesmo antes de concluídas as obras, o Interventor Bley determinou sua instalação provisória, nos prédios da antiga fazenda Pagani, tendo como dormitório, um baracão que em Vitória servira de hospeda-

ria de imigrantes e fôra para aqui transportado.

Em 1.º de setembro de 1941, chegava à Fazenda em um automóvel, o primeiro corpo administrativo e docente, composto do Agrônomo Lúcio F. Ramos, do Veterinário Carlos Cola e dos Técnicos Homero Barreto, Alcides Costa e Paulo Shutz, com a missão de organizar "tudo" e receber três dias depois, a primeira turma de alunos! De fato, em 4 de Setembro, chegaram três caminhões com 120 rapazes providos de quasi todos os municípios do Estado, os quais três dias depois, feitas a classificação e as matrículas, recebiam as primeiras aulas.

Pela seqüência de acontecimentos tão importantes em prazo tão curto, verifica-se que o empreendimento deveria romper qualquer obstáculo e chegasse ao fim custasse o que custasse.

Aboletados como soldados em acampamento, cozinha de sobre rodas emprestadas pelo exército, camas a dois andares, mesas carteiras e bancos, de táboas tóscas e paus roliços, nem por tanto desconforto diminuiu o nosso entusiástico desejo de fazer daquela total improvisação, uma boa Escola de Agricultura. E tudo funcionou regularmente dentro dos horários assinalados por um pedaço de trilho à guiza de sino.

Os professores necessários, foram sendo procurados entre os funcionários técnicos da Secretaria da Agricultura e posteriormente outros elementos foram chegando, principalmente oriundos da Escola de Viçosa.

Finalmente, em 23 de Maio de 1942, com tóda a pompa de um grande acontecimento, com a presença do mundo oficial e de cerca de 4 000 pessoas, inaugurou-se o edifício central e conseqüentemente a Escola Prática de Agricultura.

Não foi entretanto uma inauguração total, visto que os dois prédios laterais, as casas de professores, o estábulo, as pocilgas e outras dependências, foram sendo entregues posteriormente.

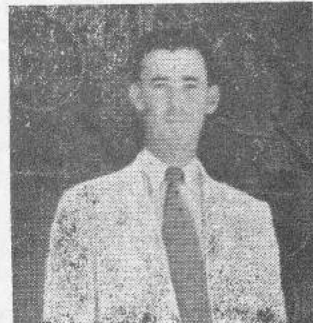
Como Escola Prática de Agricultura e com as diretrizes já traçadas pela lei foi ministrado curso regular de um ano, em que os alunos praticando em tôdas as atividades mais comuns de um lavrador adiantado, recebiam nas salas de aula a explanação das razões científicas de seu trabalho.

Além da aprendizagem essencialmente profissional, na qual, umas das características principais, era a exigência de que os jovens filhos de lavradores conservassem na Escola os calos trazidos de casa, e, os não acostumados ao trabalho manual, criassem em suas mãos êsse documento de dignidade e de honra do homem do campo. Todos os momentos de "folga", eram aproveitados no ensino de higiene, moral, civismo e sociabilidade.

A Escola nunca usou prisões nem castigos corporais mas procurou sempre conduzir os transviados para o bom caminho, com o poder da razão, tomando entretanto a precaução de afastar os absolutamente rebeldes e podendo afirmar que, grandes vitórias foram conseguidas com tais recursos.

Assim, foram diplomados 198 Administradores

(Continua na página seguinte)



Dr. Lúcio F. Ramos

de fazenda e 131 Práticos Rurais; êstes últimos com o mesmo cabedal profissional e menos cultura geral, tendo em vista que haviam entrado analfabetos.

Muitas centenas de outros jovens, em estágios mais rápidos, puderam assim mesmo reunir conhecimentos e práticas de valor inestimável para si e para as propriedades de seus pais.

NOVA FASE

A partir de fevereiro de 1947, a Escola Prática de Agricultura, passou à jurisdição da Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais — C. B. A. R., por força do Acôrdo firmado entre aquela Comissão e o Estado do Espírito Santo, pelo qual aquela entidade concorrendo com um terço da manutenção total da Escola, reorganizou-a nos moldes dos estabelecimentos congêneres do Ministério da Agricultura, conforme a Lei Orgânica do Ensino Agrícola.

Esse acôrdo que recebeu o título "CBAR — E — 21", vigorou até 30 de junho p.p. quando a Escola, por força de novo Acôrdo, passou a subordinar-se diretamente à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário, mediante uma contribuição de dois terços da verba total de manutenção.

Com tais regimes, a Escola sofreu profundas remodelações em seus programas com a orientação dos técnicos de educação rural do Ministério, prosperando e evoluindo assim grandemente e estendendo suas benéficas atividades, não somente aos lavradores vizinhos do estabelecimento, mas também aos de outros mais distantes e mesmo aos de todo o Estado.

Ministram-se atualmente na Escola, os seguintes cursos:

- a) Curso primário: Complemento dêsse curso para os candidatos ao secundário.
- b) Curso de Iniciação: De caráter secundário, com dois anos de duração.
- c) Curso de Mestria Agrícola: Correspondente às 3a. e 4a. séries ginasiais.
- d) Curso de Técnico Agrícola: Com duração de três anos, correspondente ao curso científico dos Colégios e no qual o estudante se especializa em qualquer ramo de agricultura, Zootecnia e Indústrias Rurais. Êste curso não está ainda funcionando e provavelmente será instalado dentro de dois anos.
- e) Curso de continuação: Com duração de alguns meses até um ano, para rapazes que não podendo fazer um curso mais longo, recebem instruções essencialmente práticas sôbre os métodos modernos de trabalho agrícola.

Além dêsses cursos regulares, a Escola realiza anualmente a SEMANA DO LAVRADOR e em cada 1º domingo do mês, a REUNIÃO DE LAVRADORES, ministrando aulas práticas sôbre todos os assuntos palpitantes da lavoura e da pecuária.

Muitos milhares de lavradores têm assim passado por aqui aprendendo, praticando, observando e também adquirindo máquinas, ferramentas, inseticidas, mudas, sementes e reprodutores.

A fase mais brilhante e eficiente da Escola Agrotécnica entretanto, é a atual.

Aliás, única situação consentânea para um estabelecimento como êste, é a de prosperidade, sem o que, deixaria dúvidas quanto a seu próprio valor-objetivo.

E essa situação, devemô-la ao Govêrno do Estado que agindo sábiamente, no seu propósito firme de amparar a lavoura, realizou vários acôrdos com o Govêrno Federal na pessoa do íntegro e dinâmico Ministro Daniel de Carvalho entre os quais destaca-se o da Escola Agrotécnica que além de elevar consideravelmente os recursos de manutenção, está financiando numerosas construções e aquisições de equipamento de necessidade inadiável para a eficiência do ensino.

É de nosso dever pois ressaltar aqui, o apóio integral do Govêrno do Estado por intermédio da Secretaria da Agricultura e do Ministério da Agricultura, por intermédio da C. B. A. R. e agora, da S. E. A. V., e do Fomento em nosso Estado com o auxílio financeiro e técnico, sem o que, não teríamos colhido tão promissores resultados.

A vida da Escola Agrotécnica, é curta e não tem aspecto histórico, o qual só é adquirido com a poeira dos tempos.

Ela é nova mas tem vivido intensamente, crescendo e prosperando sem espalhato, sempre com o seu caráter próprio e sua estrutura a defenderem na vanguarda, com o bom ou com o mau tempo, os interesses da lavoura que é, "Os quatros esteios da economia espiritosantense".

Não descobriu leis nem teorias mirabolantes, salvadoras do mundo, mas sustentou e sustentará os ditames da experiência e da pesquisa, sazoadas pelos decênios e confirmadas pelos avanços recentes dos verdadeiros cientistas, de onde advirá, sem alardes, a prosperidade da lavoura.

E a Escola Marcha!... Marcha porque o seu espírito foi adquirido pelas labutas diárias, pelo sacrifício de seus idealistas, entre êles o que hoje ainda continua à sua frente com aquela mesma firmeza e com igual dedicação, trabalhando pela sua real grandeza: — queremos-nos referir ao Dr. Lúcio Ramos, seu D. D. Diretor.

Sejam bemvidos, agricultores do Brasil

(Continuação da 1ª. página)

Carlos Lindenberg e de seu dinâmico Secretário, Dr. Napoleão Fontenelle, assim como da Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais e agora da Superintendência do Ensino Agrícola que vem acompanhando com todo carinho tôdas as iniciativas em prol do lavrador, "a fim de que a Agricultura, uma das mais abnegadas e nobres profissões, seja, realmente, fonte de riqueza para os que exploram, construindo atrativo para fixar o homem ao campo e não espantallo a mostrar-lhe o caminho da cidade".

E assim, fazendo gravar em nossa página de abertura, a figura do Sr. Governador, homenageamos os Lavradores espiritosantenses e rendemos um culto, um hino de glória, aos verdadeiros construtores da economia nacional.

SEJAM POIS BENVINDOS, AGRICULTORES CAPIXABAS E DO BRASIL QUE A ESCOLA É REALMENTE SUA.

"A MELHOR EDUCAÇÃO PARA OS FILHOS DOS LAVRADORES É A AGRÍCOLA."

UMA GRADE E UM CULTIVADOR

José Rubem Uchôa

101
10101

Além dos inúmeros serviços que estas máquinas podem prestar na fazenda, queremos chamar a atenção do colono para o seu emprêgo no que concerne ao preparo do terreno e plantio do feijão.

Vamos falar de uma prática que fizemos na Escola, aproveitando-se do terreno onde se plantou milho, para se plantar o feijão.

Como, de um modo geral, nosso colono planta o feijão no terreno onde colheu o milho, é interessante que êle empregue, para êsse fim a grade de discos e o cultivador, evitando os efeitos nefastos do fogo que destrói o humus do solo, tornando o terreno fraco, e, portanto com produção mais reduzida de ano para ano.

Empregando-se aquelas duas máquinas, elimina-se o fogo, conservam-se os restos de cultura que servirão de adubo, e torna-se a lavoura mais barata.

Tendo o colono uma grade e um cultivador deve experimentar usá-los no serviço que abaixo vamos descrever. Faça uma experiência nos terrenos planos ou de pouca inclinação onde se possa trabalhar com as máquinas.

Se não dispuser das máquinas (o que é, infelizmente, muito comum) recorra ao residente agrícola de seu município, que êle lhe fornecerá as máquinas necessárias e terá prazer em orientá-lo no emprêgo das mesmas.

Precisamos ter na lembrança que as plantas que se alimentam do solo e que o solo se alimenta das plantas. Ora, as plantas retiram do solo as substâncias que irão formar os grãos, o sabugo, a cana do milho, etc., etc.... Mas é preciso também que o solo coma matos, gravetos, as canas do milho, as palhas de feijão, etc... para fazer com que a lavoura produza.

Se nós tocarmos fogo nos restos da lavoura, vamos destruir não somente êstes, como os gravetos, os matos e uma boa parte dêstes que se encontram apodrecidos. Quer dizer: vamos destruir o alimento do solo que é, por conseguinte, o alimento da planta. Em resumo: a planta é o alimento da própria planta.

E se vamos queimando todo o mato, tôda a planta, todo o graveto, que se acham no terreno, vamos emagrecendo o nosso solo e com o decorrer do tempo, a lavoura naquela terra não será mais lucrativa porque as plantas saem fracas e produzem pouco.

Sabemos que nem sempre podemos evitar o fogo, mas procuremos evitá-lo onde se pode assim proceder.

Para evitar a destruição dos restos culturais e tornarem-se os serviços mais baratos no plantio do feijão é que aconselhamos a prática que abaixo vamos descrever.

É o seguinte: após a colheita do milho, passa-se a grade de discos na palhada para derripar as canas de milho, matos e cortá-los bem. Depois de bem cortados, enleiram-se todos os restos culturais e no sentido do maior comprimento do terreno para facilitar o plantio e cultivos.

A fim de que o enleiramento fique em linha reta (o que facilitará todo o trabalho subsequente), fica-se uma varinha em cada extremidade onde deve ficar a leira de mato e com pequenos pedaços de pau, gravetos, encontrados no campo alinha-se, deixando-se uma estaquinha com a distância suficiente para manter o bom alinhamento da leira. Em seguida, com a enxada, juntam-se os restos culturais, matos, etc... em linha reta sobre as estaquinhas.

Terminado êsse trabalho, passa-se novamente a grade que revolve superficialmente o terreno fazendo destarte uma leve aradura, mas que facilitará bem



o desenvolvimento das plantinhas e os cultivos.

Depois, com cultivador provido de uma única enxadinha (a sulcadora) e com o marcador de fileiras com 65 cm de comprimento, abre-se os sulcos no maior sentido do terreno. Semeia-se a mão.

Nota: tendo-se plantadeira, o semeio será feito com esta dispensando-se nessa operação, o cultivador.

Mas, quero tratar aqui do emprêgo da grade de discos e do cultivador que farão só os dois, todos os serviços.

Quando o mato começar a aparecer, passa-se o cultivador munido de 3 enxadinhas: uma simples à frente, outra no meio e uma asa de andorinha atrás.

Uma das maiores economias está justamente nos cultivos pois não se capina com a enxada.

Em alguns talhões fizemos apenas 1 cultivo; noutro fizemos dois.

Num cálculo que fizemos sem levar em conta o enleiramento da palhada, o trabalho animal e a depreciação da máquina, foram gastos apenas C\$ 72,00 desde o preparo do terreno até o momento da colheita para 1 Ha. de feijão (100x100 m).

O colono que tiver terreno plano ou ligeiramente inclinado, onde plantou milho e deseje plantar feijão, deve experimentar êsse sistema e verificará que será vantajoso.

O cultivador é u'a máquina de extraordinária utilidade na fazenda. Abre sulcos para plantar feijão, milho, mandioca, etc...; limpa o mato (capim); escarifica o solo conservando mais a umidade no terreno; chega terra ao pé da planta (munido lateralmente com enxada do aiveca) e, como se vê na gravura acima, capina o mato no viveiro de laranjas, evitando a enxada cujo serviço é mais dispendioso e facilmente corta a casca ao pé das mudinhas, deixando portas abertas às doenças (como a gomose por exemplo).

A QUEIMADA, INIMIGA DA TERRA

(Continuação da página 9)

ma, reduz, evapora e esteriliza a pujança da terra. E ao completar o infortúnio que é, agora, a desventura do lavrador, a sua eterna dor de cabeça — as enxurradas completam a desgraça da esterilidade: arrazam os remanescentes resquícios de humus que as caudais vão diluindo, em estrépitos de pequenos desmoronamentos". Fazendo minhas estas expressões, e as transmiro aos que me lêem, pedindo vejam no fogo, falso auxiliar do agricultor, elemento que concorre poderosamente para a "saharização" dêste imenso país. A queimada é um mal que precisa ser evitado, para o bem da nossa economia agrária. Até quando — são palavras de A. Menezes Sobrinho — assistiremos indiferentes a essa abusiva agricultura de incendiários, sem um esforço, sem uma campanha de ensinamentos visando educar o agricultor?

REALIZAÇÕES

Dentre as atividades, dos trabalhos que o Estado do Espírito Santo sob a orientação do Governador, Dr. Carlos Lindenberg, vem desenvolvendo e executando, destacam-se os da Secretaria de Agricultura, Viação e Obras Públicas.

Num turvelinho de lutas e de empreendimentos, através de trabalho honesto e progressivo, o Dr. Napoleão Fontenelle surge como responsável por êste traço de união pelo qual a êle, como técnico da terra, liga tôda a classe produtora do Estado.

E é com justa razão reconhecer que o êxito de sua administração repousa principalmente no seu espírito de compreensão pelos problemas da lavoura, desde há muito esquecidos pelos governantes do



passado.

Como delegado da confiança do Snr. Governador, tem levado a efeito uma série de REALIZAÇÕES tanto no Setor de Divisão de Obras públicas como também no Fomento da Produção.

Poderíamos enumerá-las, porém, diante do registro destas nossas palavras, ficamos, compreendidos e hoje, em que a Escola se engalaneia para receber os verdadeiros batalhadores da terra, fazemos jús às reali-

zações do Dr. Fontenelle e congratulamos com todo o corpo administrativo do Estado pelo firme propósito de dar maior apôio e assistência à vida do campo, elevando cada vez mais o nível de vida das populações rurais espiritosantenses.

SOCIAIS

Fizeram anos neste mês:

Os alunos:

Adones Coutinho Pereira
Domicio José de Freitas
Augusto Guilherme Belard
Henrique Von Doelinger
João Luiz Anichini
Alcides Altoé
Clebes Cardozo Souza
Dercy Silva
Enéas Evangelista da Costa
Gaspar Gomes de Macedo
Izaulino Gomes de Souza
Joel Tristão Fernandes
José Nascimento
José Clóvis Rocha
Aízio Lopes
Pedro Pereira

Os senhores:

Darly Nerty Vervloet
Dr. Máximiliano de Cordes Cabêdo
Alceu Castro.

As senhoritas:

Eneida Andrade
Zelurze Guimarães

ACONTECEU NESTE MÊS

(Continuação da página 11)

Muitos fazendeiros presentes à 8ª. reunião de lavradores pediram-me que apresentasse os parabéns ao Diretor da Escola e as digníssimas Encarregadas do refeitório, D. Ermínia Zapani Ferrari e D. Maria Gasparini Casotti, pela qualidade da bóia e gentileza pelo modo que foram servidos.

A Escola foi honrada com a presença do Sr. Dr. Benvindo de Novais, Dr. José Brandão Filho, Chefe do Fomento Agrícola Federal neste Estado e Professor dos Cursos de Aperfeiçoamento, da Universidade Rural, respectivamente.

Os meninos:

Herman Herzog
José Carlos Rímolo
Carlos Albert Anichini
Parabéns e felicidades de "O CULTIVADOR".

AGRADECIMENTOS

Francisco Andrade Neto e Adelina D. Andrade, agradecem sensibilizados a manifestação de amizade dos companheiros epanos, por ocasião de seu enlace matrimonial.

BATATA DOCE

José Farah

INTRODUÇÃO — Apesar de seu baixo custo de produção, não tem sido dado a importância de que é merecedora. Esse descuido para uma cultura tão bem adaptada em nossas condições, de grande produção, alto valor alimentício, tanto para o homem como para os animais domésticos, de ciclo rápido, não é justificado de maneira alguma.

A sua exploração, entretanto, pode tornar-se uma grande fonte de renda, quando à semelhança dos Estados Unidos, fôr mais conhecida e apreciada por todos nós.

Por isso, o presente trabalho, nada de novo apresenta. Uma simples contribuição apenas, cujo fim único, é levar ao lavrador algumas instruções de cunho prático, visando melhorar os métodos de cultivo da batata doce.

Contudo, devemos sempre lembrar que a batata doce precisa ser cultivada e mais difundida porque, repetindo, além de ser um dos produtos feculentos mais preciosos de que dispomos, servem às vacas leiteiras que as comem muito bem, assim como as suas ramas as quais podem ser usadas em espécie ou em forma de silagem, sendo um ótimo alimento para a produção de leite. Quando cultivada para alimentação de porcos estes poderão fazer a colheita diretamente no campo, soltando-os no batatal.

PROPAGAÇÃO — A batata doce é propagada por meio de ramas, as quais são plantadas geralmente em camalhões. Esse plantio deve ser feito, de preferência, em dias encobertos e úmidos para se conseguir uma boa percentagem de pega. A terra estando seca, haverá um grande número de falhas a não ser que se disponha de meios de irrigação para molhar antes do plantio.

RAMAS PARA O PLANTIO — Podem ser retiradas de uma cultura anterior. Um batatal plantado num ano pode dar ramas até 3 anos ou mais.

Às vezes há falta de uma cultura anterior, neste caso lançamos mãos dos chamados viveiros, especialmente preparados, onde as raízes são postas a brotar a fim de produzir as ramas necessárias. Esse viveiro pode ser pequeno porquanto, uma vez germinada e atingida o seu desenvolvimento, poderão as suas ramas ser aproveitadas para completar a plantação no campo.

Neste caso podemos fazer escolha da variedade baseando num bom estado de sanidade, conformação e de tamanho médio, pois estas dão maior rendimento em ramas que as grandes.

PREPARO DO TERRENO — Em terreno previamente bem arado, são as leiras levantadas com alguns dias de antecedência à plantação, a fim de que a terra se assente e não fique muito sujeita ao ressecamento.

Estas leiras, espaçada de um metro uma da outra, são feitas com auxílio de um sulcador, de um arado ou em último recurso de enxada. Devem ter de 20 a 25 cm. de altura.

SISTEMA DE PLANTIO — Dispondo-se de ramas, corta-se em pedaços de 30 a 40 cm aproximadamente e deixa-se na sombra. Uma vez murchas,

evita-se a quebra fácil, facilitando assim o manejo para a sua distribuição no plantio.

Dentre os sistemas, o mais aconselhado, mais prático e mais rápido é o que se faz com auxílio de uma estaca de madeira de 70cm a 1 metro aproximadamente de comprimento, com a extremidade inferior escavada em forma de U, à semelhança de forquilha. As ramas são distribuídas atravessadas sobre as leiras, e em seguida, calcadas e fincadas no solo por intermédio da referida estaca.

ESPAÇAMENTO — Depende da variedade, da fertilidade do solo e principalmente do tipo de batatas que se deseja produzir.

Em média, podemos aconselhar uma distância de 50 cm de uma rama a outra, com profundidade de 18 a 20 cm para terrenos porosos e de 10 a 15 cm para os argilosos.

ÉPOCA — A mais indicada é a do início da estação chuvosa, porém, varia de acôrdo com a região. Mas, podemos dizer que já em início de Outubro, uma vez que se disponha de ramas em boas condições, podendo ser retardada até uma época em que haja um tempo suficiente, antes da entrada do frio, para a planta completar o seu ciclo vegetativo que é, mais ou menos de quatro meses, para as variedades precoces e comumente cultivadas.

Fazendo-se as plantações em diferentes épocas, colhendo com diversas idades, e conservando as raízes colhidas com cuidado, afirma o Prof. Camargo, pode-se dispor, praticamente, todo o ano, de batatas em boas condições para serem consumidas.

SOLO — Terreno poroso, preferivelmente areno-argiloso são os mais indicados, embora a batata doce possa ser cultivada com sucesso em outros tipos de solos.

Devem ser evitados terrenos sujeitos a se encharcarem na época das chuvas, porque, em tais lugares, as plantas se desenvolvem mal e as raízes se tornam mui susceptíveis ao apodrecimento.

Nos solos ricos em matéria orgânica, por sua vez, tem tendência a uma excessiva vegetação com prejuízo de produção e as batatas tornam-se enchavidas. Tais terrenos, porém, são ótimos para produção de ramas.

ROTAÇÃO — É indispensável, pois é um dos meios de controle de pragas e doenças. É necessário que o terreno passe pelo menos três anos sem a cultura, senão, a própria batata constitui um para sua eliminação.

Usam-se para rotação com a batata doce, plantas de famílias diferentes, como o milho, por exemplo. É de muito boa prática, porém, plantar uma leguminosa para adubação verde.

CULTIVOS — São simples. Usualmente são feitos a enxadas ou por pequenos cultivadores ou mesmo com o sulcador comum. Todo esse trabalho de eliminação de ervas e o de chegar terra à planta, deve ser suspenso logo que as ramas se desenvolvem pois estas vão dificultar as operações.

(Continua na página 14)



CONSULTA MÉDICA

A alimentação da criança no primeiro ano.

(Divulgação)

Dr. Ibrahim Ferreira Badawy

A alimentação da criança no primeiro ano de vida, pode ser dividida em dois grupos: O primeiro entende-se a forma comum de todas as crianças de evolução normal, isto é, sadias. O segundo grupo é a alimentação artificial, isto é, a alimentação de crianças que são portadoras de uma enfermidade tal, que há necessidade de estabelecer normas de acôrdo com as doenças próprias de cada pequenino, e que vai constituir os chamados regimens dietéticos, que só o médico pode estabelecer, porque depende de um diagnóstico.

A alimentação natural, deve ser do conhecimento de todas as mães, a fim de que possa a criança ter um crescimento normal e evitar certos tipos de doenças comuns, responsáveis por defeitos nutritivos.

Assim, é que, a alimentação materna é feita através do leite humano. Este aleitamento tem uma forma própria. Nas primeiras 24 horas o recém-nato não deve tomar alimento de espécie alguma, se fôr necessário, deve-se dar pequena quantidade de água. Há casos em que encontramos a criança com elevação de temperatura, principalmente nos dias quentes, e é comumente conhecida sob o nome de febre de calor. Quando esta febre se apresenta, podemos dar água ou chá com ou sem açúcar, na dose de uma colher de 3 em 3 horas.

No segundo dia faremos a alimentação de três em três horas, isto para o nosso meio, pois há povos que adotam a alimentação de quatro em quatro horas e outros de duas e meia em duas e meia horas.

O horário do alimento pode ser distribuído na seguinte ordem: 6, 9, 12, 15, 18, 21 ou 22 horas.

Passadas algumas horas após o parto, a parturiente deve preocupar-se com os seios para o alimento; assim, os seios devem sofrer uma massagem para evitar dor consecutiva à chamada subida de leite. O mamilo conhecido vulgarmente por bico do seio, deve igualmente sofrer massagem a fim de tomar conformação para que a criança pegue com facilidade. Uma vez o seio preparado para a alimentação, pode-se aconselhar a seguinte orientação para evitar transtorno para o lado da criança como também para o lado da lactação. Duas opiniões podem ser emitidas quanto à forma de fazer alimentação.

Uma consiste em fazer a mamada ora num seio, ora no outro, isto é, alternadamente; outros médicos aconselham que cada mamada deve ser feita em ambos os seios com duração de 10 minutos num seio e outros 10 no outro.

Pessoalmente aconselho a segunda forma de aleitamento. Qual a vantagem? Suponhamos que o recém-nato comece a amamentar-se no seio esquerdo durante 10 minutos; durante êste tempo a criança retira três quartos do leite aí contido, depois passa a mamar 10 minutos no seio direito; durante êstes 10 últimos minutos no seio direito, a criança já não mama os três quartos de leite e sim um quarto. Na mamada seguinte a criança deve principiar a mamar no seio dós últimos 10 minutos da mamada precedente. Nos últimos 10 minutos da mamada anterior a criança retirou apenas um quarto do leite aí contido, restando três quartos que é completado com três horas de descanso, de forma que a criança acha um seio cheio de leite.

Se porventura a criança começa a mamar no seio em que mamou os 10 primeiros minutos da mamada precedente, encontrará um seio ainda meio vazio, tendo que despender maior esforço para sucção do leite e muitas vezes ingerindo ar.

Este processo tem a vantagem de evitar a estagnação e o esvaziamento completo do seio.

Este regime do leite materno deve durar até o terceiro mês de vida; nesta data daremos as vitaminas em caldo, frutas, tais como: laranja, tomate bem maduro, cenoura, suco de limão: — 20 gotas. Deve-se exprimir meia laranja, dois tomates, ralar duas cenouras e exprimir, juntando-se às 20 gotas de limão, passar num guardanapo e dar 2 colheres de chá pela manhã, à tarde e à noite. Esta mistura vitamínica, deve ir até ao quinto mês.

No quinto mês, daremos um mingau, cuja composição é a seguinte:

Leite de vaca — 150 gramas.

Farinha — 7,5 gramas ($\frac{1}{2}$ colher de sobremesa)

Açúcar — 7,5 gramas (1 colher de sobremesa)

Água — 30 gramas ($\frac{1}{2}$ xícara de café)

A preparação do mingau deverá ser da seguinte maneira:

Dissolver na água a farinha (Arroz, maizena, cinco cereais se a criança tiver diarreia, vulgarmente conhecido com a designação de barriga desarranjada, distempero, etc., (ou então dar farinha de cevada ou aveia si houver prisão de ventre) depois junta-se o leite com o açúcar, ferver três minutos, depois de levantar a fervura. Uma vez feito o mingau, faz-se a seguinte distribuição: 6 horas: Peito; 9 horas: Peito; 12 horas: mingau (dado na colher devido a consistência) 16 horas: peito. Este intervalo de quatro horas é devido ao mingau ser de digestão mais lenta e o estômago leva mais tempo a esvaziar-se; depois, nova mamada às 7 e às 10 horas.

No sexto mês a alimentação sofre modificação sensível. Assim é que se deve dar às 6 horas: peito; às 10: sopa de legume, às 14 horas: peito; às 18 horas: 150 gramas do mingau, às 22 horas: peito. A sopa deve ser dada umas 300 gramas e é preparada na forma abaixo:

Em uma panela coloca-se 300,0 de água com $\frac{1}{2}$ xuxú, uma batata doce (tamanho médio) uma batata inglesa, também chamada batatinha, uma cenoura. Deixa-se tudo cozinhar durante uma hora e 45 minutos, depois passa-se numa peneira de arame duas ou três vezes; põe-se o sal, podendo juntar-se à sopa, caldo de tomate para aumentar o teor em vitaminas. Se a criança tem tendência a produção de gases intestinais, convém retirar a batata inglesa da sopa. Se houver anemia, pode-se juntar na sopa um pouco de espinafre, devendo passar pela peneira. A vantagem do espinafre é devida a grande quantidade de ferro que contém.

No sétimo mês será dado sopa preparada com carne de gado que varia de 300 a 500 gramas. Como deve ser preparada esta sopa?

Coloca-se em uma panela um litro de água, juntando a carne picada em pedacinhos, meio xuxú, uma batata doce, uma batata inglesa, uma cenoura e deixa-se ferver até haver evaporação de 300 gramas de água, durante uma hora. Em seguida, retira-se a carne e passa-se tudo em uma peneira. O horário para a distribuição da alimentação é o mesmo dos 6 meses.

(Continua na página 11)

A QUEIMADA, INIMIGA DA TERRA

Eng. Agr. José Soares Brandão, filho.

Literariamente falando, muito se tem escrito sobre a queimada. Do verso à prosa, fértil é a descritiva da ignea voragem. Graça Aranha, dentre muitos, com pompa de estilo fala na obra do fogo, lambendo e reduzindo a escambros frondosa vegetação. Para s desconhecedores da ação destrutiva da queimada, nada mais belo do que o espetáculo das chamas, caminhando matéria fora, calcinando velhas árvores, destruindo a fauna e estorricando o chão, na pujante descrição do artista glorioso de "Canaan". O poeta dos escravos — o magistral Castro Alves — também poetizou a queimada, cuja "Chama lavra qual gibóia informe, que, no espaço vibrando a cauda enorme, ferra os dentes no chão", comburindo "selvas seculares" e fazendo de feros animais "náufragos de mêdo"... Quantos de nós, de verdes anos ou avançados varões, não se sentem verdadeiramente empregados com o aspecto de uma queimada! Mas, na realidade, ela é de trágicas conseqüências. Não obstante as leis que regem o assunto, a queima dos campos e das matas continua sendo feita impunemente pelo país inteiro. Agosto é, via de regra, o mês delas. As noites se iluminam com os clarões do fogo, que leva de vencida todo um mundo vegetal. Cansados estamos de vê-lo, quais "tochas monstruosas", na sua terrificante marcha. Apêlos são lançados de norte a sul e conselhos são formulados em linguagem ao alcance de abastados e modestos fazendeiros, mas pouco resultado se obtém com a campanha. O fogo continua a consumir o humus e a esterilizar o solo. Longe de beneficiar, a queimada é um mal. É uma ilusão o seu benefício; pelo contrário, empobrece o terreno, prejudicando a matéria orgânica, aumentando a acidez, destruindo os microorganismos e abrindo caminho para a erosão. Aqui e alhures, técnicos apontam com conhecimento de causa o seu perigo. Contudo, o agricultor, fazendo ouvidos de mercador, segue na sua faina de esterilizar a terra, a desvalorizar um patrimônio, que é menos seu do que da coletividade. A matéria orgânica, após uma queimada, segundo verificação de Beadle, na Austrália, reduz-se a menos de 60%. Por sua vez, o terreno se torna mais ácido, "diminuindo o seu pH até 0,5". Carlos Borges Schmidt escreve com muito acêrto: "Se levarmos em conta a necessidade de um pH elevado — pelo menos acima do pH5 — a franca proliferação dos microorganismos úteis, a acentuada acidez dos nossos solos, a exigência de um pH relativamente elevado para que prosperem as nossas culturas prediletas — haja visto o algodão — bem como a dificuldade em regenerá-los sob êsse aspecto, quando já degradaram para escalas inferiores de reação, necessitando de doses maciças, e elevadas de corretivos, não há dúvida que, somente por êste motivo, deveríamos evitar o máximo as queimadas inúteis, procurando defender nossos campos e nossas terras de cultura da ação destruidora e nefasta do fogo". A erosão é quase sempre uma conseqüência da queimada. As crostas produzidas pela passagem do fogo pela terra, rachando, produzem rasgões, que favorecem a penetração das águas e, conseqüentemente, o início da ação demoníaca do mal que está desgraçando o Brasil.

Lynn Smith, professor da Universidade de Louisiana, nos Estados Unidos, impressionou-se com a extensão das queimadas entre nós. E comenta um noticiarista: "Sem a eliminação de tão nefasta prática, o Brasil ficará reduzido ao estado em que se encontram a Índia e a China". Agrônomos e engenheiros

chamam a atenção para o problema da erosão, indicando os meios de solucioná-lo. Esboça-se até uma política para a criação, entre nós, de um serviço especializado contra o desgaste das terras. São de Wanderbilt Duarte de Barros, técnico do Serviço Florestal, os seguintes conceitos: "A erosão é o mais sério problema de aproveitamento do solo e é objeto de especial interesse da técnica agrônômica. Resultante do uso imprevidente, às vezes mesmo abusivo do solo, a erosão é o fenômeno cujo efeito mais afeta a economia pública; a esterilidade pelo arrastamento do solo agrícola provoca os êxodos rurais, assinalados na história de todos os grandes povos agricultores, criando, conseqüentemente, crises de deficiência de produtos agrícolas, de superpopulação dos centros urbanos e gerando, finalmente, a carestia da vida. Tão grave na sua geral extensão, o problema tem merecido de alguns povos, desde eras que estão bem longe, entre chineses, egípcios e os primitivos civilizados do Peru, os incas, atenção e combate persistentes. Mais recentemente, os governos norte-americano e da África do Sul iniciaram estudos e lutas tenazes para debelar o terrível mal da terra. Um departamento, especialmente criado e assentado nas pesquisas mais interessantes e completas sobre o solo, foi organizado na América do Norte; o "Soil Conservation Service" preocupa-se exclusivamente com a questão". A fauna e a flora microorgânicas também muito sofrem com a voragem da queimada. O citado Carlos Borges Schmidt referindo-se à sua destruição, aduz interessantes considerações, que todo o agricultor deveria levar em conta. Escreve êle: "A queima de uma capoeira roçada, cuja massa combustível alcance o pêso de 4 a 5 quilos por metro quadrado de superfície de terreno, faz com que, ao fim de 2 horas depois de terminando o fogo, a temperatura do solo esteja ainda elevada a 69° C., a 20 cm de profundidade. As temperaturas de 71°, 62° e 58° vão atingir as camadas situadas, respectivamente a 40, 60 e 80 cm. A população microorgânica do solo está, quase na sua totalidade, dispersa na cama que vai da superfície até 50 cm de profundidade, concentrando-se, principalmente, na metade ou no terço superior, isto é, nos primeiros 15 ou 25 cm. Nessa camada, puderam ser calculadas, em uma grama de terra, quantidades que variam de 12 a 300 mil fungos, 2 a 70 milhões de bactérias e 1 a 24 milhões de actinomicetos. As bactérias suspendem a sua multiplicação quando a temperatura ambiente alcança de 50° C a 55° C, vindo a morrer aos 60° ou 65°. Daí não será difícil avaliar o efeito sobre a vida microorgânica quando o solo fica sujeito a uma queimada das proporções daquela. Um solo em tais condições — conclui o escritor paulista — aproxima-se de um solo morto, uma terra quase inerte". Todos os esforços, de governos e governados, interessados no futuro agrícola brasileiro, devem ser no sentido de um contrôlo absoluto da queimada. Entre nós, causa tristeza verificar a desestima que há pela terra. Rogério de Camargo, criticando o absurdo de certas práticas dos nossos cafeicultores, em relação ao que se faz na Colômbia, assim se manifesta a páginas tantas de seu esplêndido "Rincões dos Andes": "E diante disso pusemo-nos a conjecturar os desacertos da nossa terra, quando o machado e o fogo dizimam as matas e expõem a terra ferraz e cubiçada às mais duras das adversidades climatológicas — a êsse sol bravo que assola, entorpece, aniquila, quei-

(Continua na página 5)

UMA RÁPIDA PALESTRA COM O PREFEITO DO MUNICÍPIO

O Município de Santa Teresa é a terra da boa gente. É um pedaço do nosso querido Brasil privilegiado pelas belezas naturais, pela fertilidade de seu solo, pela generosidade de seus filhos.

É terra de paz, de ordem, da hospitalidade bem característica do povo da terra de Domingos Martins e do Brasil.

É um Município rico. Tudo é bom, e melhor vai ficar, com as grandes realizações a serem levadas a efeito pelo atual Prefeito, Sr. Frederico Pretti. Homem simples, conhecedor profundo do Município e administrador leal, honesto e trabalhador, que tudo vem fazendo e há de fazer pela sua terra natal, dentro das possibilidades orçamentais.

Em palestra mantida com aquêle digno Administrador, pudemos ouvir o seu notável plano de trabalho, do qual anotamos o auxílio à lavoura em tôdas as modalidades. Para isso êle conta com a cooperação do povo em geral, em tôdas as iniciativas porque sem a qual nada é possível realizar.

Confiante, certo, cheio de fé e de entusiasmo, fomos levando através as horas o seu sorriso pelo futuro e a sua dedicação pela terra que dirige.

Eis um pequeno resumo de nossa proveitosa conversa:

ASSISTÊNCIA SOCIAL: —

De acôrdo com um entendimento havido entre o Sr. Frederico Pretti e o Diretor do Departamento de Saúde Pública, será criado em futuro próximo um Posto de Assistência médica em São João de Petrópolis. Êste local foi escolhido por tratar-se do ponto mais central, ficando acessível assim a todos.

DEPÓSITO DE MÁQUINAS

AGRÍCOLAS: — Depois de tecer elogios a grande atuação do Fomento Agrícola Federal, sob a chefia do competente Agrônomo Dr. Benvindo de Novais adiantou-nos que entrou em entendimento com êsse serviço para que seja montado um depósito de máquinas, materiais agrícola, inseticidas, etc. na Usina Estadual de Algodão em Patrimônio de Santo Antônio.

EDUCAÇÃO: — Além das 3 casas escolares que estão sendo edificadas, acabam de ser prometidas mais 2 e serão construídas nos pontos onde se fizer mais necessário.

Foram conseguidas 400 carteiras escolares as quais dentro em pouco serão distribuídas pelas várias Escolas do Município.



MELHORIA DA SÉDE: — Disse-nos o Sr. Frederico que é de sua cogitação encampar o serviço de abastecimento de água da séde a fim de que possa aquela organização ser melhorada para atender a distribuição regularmente do precioso líquido.

MELHORIA DOS DISTRITOS: — Além de outras cousas pensa o Sr. Prefeito ligar telefonicamente todos os Distritos.

ESTRADAS: — As estradas, afirmou-nos ainda o dinâmico administrador: “merecem tôda a minha atenção, pois não é possível haver progresso sem as vias de escoamento dos produtos.” Merece atenção especial o ligamento de Várzea-Alegre a São Paulo, distrito de Alto Santa Maria. Ligar êste Município ao de Itaguassú com a reforma da estrada e construção do trecho situado entre Tancredo e a Vila de Itassú. Reconstruir e conservar tôdas as estradas do Município.”

Para levar a bom termo êstes empreendimentos afirmou: “estou estudando em comum com alguns amigos, um modo de adquirir por intermédio do Banco do Brasil, um trator no valor de Cr\$ 170 000,00. (cento e setenta mil cruzeiros)”.

Concluindo a nossa palestra, disse-nos ainda o DD. Prefeito, Frederico Pretti: “êstes são alguns dos planos que pretendo realizar dentro de pouco tempo e tenho certeza que os realizarei, pois conto para êsse fim com a solidariedade de S. Excia. o nosso Digníssimo Governador, de todo o seu Secretariado, dos funcionários municipais, auxiliares diretos, assim como dos dignos representantes da Câmara que tudo têm feito para desempenharmos em conjunto o mandato que nos foi legado pelo povo que nunca faltou com o seu irrestrito apôio. E é para êste povo que esta-

mos com ajuda de Deus e auxílio das autoridades, com os olhos voltados no sentido de nunca medirmos sacrifícios, correspondendo plenamente as suas aspirações.”

Autoridades estaduais, autoridades municipais, povo do município de Santa Teresa, recebem de “O CULTIVADOR” os mais sinceros parabéns e que exemplos como êstes sejam imitados e executados para engradecimentos de nossa querida Pátria.

E a você FREDERICO PRETTI, orientador desta obra, receba particularmente o nosso abraço, os nossos sinceros parabéns e esta homenagem simples, como simples é tôda a sua alma de verdadeiro filho do interior capixaba.

AGRICULTORES!...

As enxurradas levam para os rios, algumas vezes de maneira pouco perceptível, a terra fértil, apropriada às culturas.”

Estudiosos da conservação do solo afirmam que a área cultivada, no mundo, iria diminuir em grau tal que seria impossível a subsistência normal da população humana, caso esta não se prevenisse convenientemente contra êsse terrível inimigo.”

ACONTECEU NESTE MÊS CONSULTA MÉDICA

Repórter X

(Continuação da página 8)

O Exmo. Sr. Dr. Napoleão Fontenelle da Silveira, DD. Secretário da Agricultura, fez-se representar na 1ª. Exposição de milho, realizada em Colatina, pelo Dr. Lúcio Ramos, Diretor da Escola Agrotécnica.

Chefiada pelo Residente Agrícola, Miguel Luiz Pizziole, esteve presente a reunião de lavradores, uma caravana de 20 adiantados agricultores do Município de Baixo Guandú.

O Município de Colatina, esteve à 8ª. reunião de lavradores com uma caravana de 52 ótimos agricultores, chefiada pelo adiantado criador José Novais, digno representante na Câmara Municipal.

O Sr. Dr. Lúcio Fernandes Ramos, não podendo aceitar o convite que lhe foi feito pelo Diretor do Fomento Agrícola, Dr. Guilherme Pimentel, para integrar a comissão julgadora da 7ª. Exposição de Animais a realizar-se na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, designou o Agrônomo Dr. Isidro Zárate, Chefe do Núcleo de Zootecnia desta Escola para substituí-lo.

O Dr. José Farah, Chefe do Núcleo de Agricultura, foi designado para integrar a comissão julgadora da 1ª. Exposição de milho, realizada em Colatina, pelo DD. Chefe do Fomento Agrícola Federal, Dr. Benvindo de Novais.

A reunião de lavradores realizada em 6/6/48, contou com a presença dos Exmos. Senhores Prefeitos de Santa Teresa e Colatina, Frederico Pretti e Henrique Coutinho, respectivamente.

Deu-nos a honra de sua visita, o Sr. Ricardo Bucher, adiantado Fazendeiro no Município de Itaguassú.

Registramos com prazer a presença nos trabalhos da 8ª. reunião de lavradores do Sr. Raimiro Monteiro de Souza, residente Agrícola no Município de Colatina.

A reunião de lavradores desta vez constou do seguinte:

- 1º.) Missa — celebrada pelo Padre Capuchinho Frei Joamaria;
- 2º.) Aula de prevenção das doenças dos animais.
- 3º.) Aula de suinocultura.
- 4º.) Aula de hortalicicultura.
- 5º.) Almoço.
- 6º.) Sessão no salão nobre da Escola, onde foram abordados diversos assuntos pelo Diretor da Escola.
- 7º.) Exibição dos seguintes filmes: Paraísos terrestres — Opilação — Lavouras irrigadas — O que é a doença — Sanetiam — Corpo humano — A tuberculose — Limpeza traz saúde — Fortaleza dá saúde — Good Eallhg.

Registramos com agradecimentos a cooperação do Sr. Prefeito de Colatina e do S. E. S. P. em designar o operador Romeu Araujo para colaborar no bom êxito da reunião com a exibição de utilísimos filmes sobre agricultura, higiene, etc.

(Continua na página 6)

No oitavo mês o regime será semelhante ao do sétimo mês, apenas às 14 horas deverá ser dado banana bem madura e passada na peneira de taquara.

No nono mês, em vez da sopa, será dado batata doce, inglesa, espinafre, xuxú, cenoura, passados na peneira. Junta-se à carne cozida, fígado ou miolo de gado passados 3 vezes na máquina com a peça fina, na quantidade de 2 colheres de sopa por refeição. No nono mês ainda podemos dar uma gema de ovo no almôço e três vezes por semana.

No décimo mês, é freqüente a mãe da criança queixar-se da falta de leite e então será dado 150 gramas de leite de vaca com açúcar.

No décimo primeiro mês, a primeira alimentação será às seis da manhã com 200 gramas de leite.

Quando completar um ano de idade, juntamente com o leite às 6 horas pode ser dado biscoitos ou casca de pão e manteiga; às 10 horas, almôço igual ao do nono mês, às 14 horas, frutas, às 18 horas, jantar igual ao almoço, sem gema de ovo; às 22 horas, leite puro ou mingau.

Este regime alimentar deve ser seguido se criança não apresentar qualquer enfermidade porque em caso contrário e de acôrdo com a doença, deverá ser indicado modificação no sistema seguido.

Algumas das jovens leitoras que estão me lendo hão de dizer: "Ora, já criei filhos sem esta preocupação de relógio ou de estar a pesar tudo, ou então; eu dou qualquer coisa que o estômago do meu filho aceite".

Está bem, não contesto, mas há de estar lembrada que a prezada leitora conhece um ou alguns casos semelhantes ao seu, porém, nos consultórios médicos ou nas enfermarias dos hospitais, é que se vê a grande quantidade de crianças, padecendo, só e exclusivamente, devido a certos regimes impróprios para a criança em seu primeiro ano de vida.

Este que escreve para você minha prezada leitora, já examinou crianças que ao perguntar aos pais qual o regime alimentar seguido, declaram simplesmente: "comem de tudo", e, no entretanto, aparentemente nada apresentavam.

Conheci uma criança que aos 6 meses tinha uma alimentação semelhante a do adulto.

As enfermidades devidas ao regime alimentar, nem sempre estão localizadas propriamente no intestino. Assim, entra uma senhora em um consultório e diz: "Doutor, trouxe o meu filho porque ele apresenta na pele isto que vou mostrar-lhe. Eu acho que é doença de pele."

Após os exames fica constado que é enfermidade proveniente de mal regime alimentar.

No que ficou dito acima, deve ter sido observado que não foi falado na célebre época do desmame. Esta coisa de desmame, pertence a velha medicina. Não há época de desmame, e sim dar ao organismo infantil, novos elementos para o perfeito desenvolvimento dentro do seu oportunismo.

A criança não é igual a um indivíduo adulto, tem um organismo aparentemente igual.

Se as mães brasileiras cuidarem de seus filhos com maior assistência médica, não haverá uma mortalidade infantil tão grande e desta forma estará concorrendo numa obra de sã patriotismo.

00104/106

CULTURA DO REPOLHO

A. V. Herzog

GENERALIDADE:

Pêso de um litro de semente: 700 grs.
 Uma grama contém cerca de 300 a 350 sementes.
 Poder germinativo 90%:
 Germinação: 3 a 4 dias.
 Duração germinativa 3 a 4 anos.
 Semeio por metro, uma grama.

EPOCA:

A melhor época é de janeiro a junho. Há variedades que podem ser cultivadas o ano todo, porém, muito sujeitas a pragas e doenças.

SOLO:

Deve ser dotado de boas propriedades físicas: drenado, poroso e fresco. Além destas propriedades deve ser rico em matéria orgânica. Caso contrário far-se-á, adubação com estêrco de curral bem curtido na proporção de 4 a 5 quilos por m. Havendo escassês de estêrco poderá ser feito em covas na proporção de um litro. O adubo sempre deve ser bem misturado com terra.

SEMEIO:

Semeia-se em canteiro de sementeira, a lanço ou em sulcos.

O semeio em sulcos é mais indicado porque facilita a distribuição das sementes; deverá ser raso, porque as sementes ficarão numa profundidade máxima de 1cm.

REPICAGEM:

Quando a mudinha atingir de 3 a 4 cm passa-se para o viveiro, guardando a distância de 10 cm de fileira a fileira e de 5 cm de planta a planta. Antes de arrancar as mudinhas convém molhar bem a sementeira. Feito a repicagem, rega-se e faz a cobertura que poderá ser de esteiras, capim ou folhas de palmeiras.

TRANSPLANTIO:

O terreno destinado ao plantio definitivo deverá estar convenientemente preparado: arado, gradeado, adubado, etc.

Faz-se a transplante quando as mudas tiverem cerca de 10 a 15 cm de altura, observando-se a distância de 40 a 60 cm de pé a pé em linhas espaçadas de 60 a 80 cm. As mudas devem ser arrancadas com um pouco de terra nas raízes, o que se consegue facilmente com uma colher de pedreiro ou de bambú.

Transplantadas as mudas, deve a terra ser cuidadosamente chegada às raízes sem comprimí-la. Se comprimirmos desmantelamos o bloco de terra e dilaceramos as raízes. Chegada a terra, faz-se uma boa rega para melhor aconchegá-la às raízes e assegurar a pega pela umidade.

TRATOS:

É planta muito exigente de água principalmente durante a primeira fase de crescimento. As regas devem ser regulares para assegurar um crescimento contínuo e uniforme. Aconselha-se regar, de 8 em 8 dias, com salitre do chile dissolvido em água, na proporção de 10 gramas para 10 litros de água.

Conservar o terreno escarificado e livre de ervas daninhas.

DOENÇAS MAIS COMUNS:

Na sementeira, ou no viveiro, podem as mudas ser atacadas por doenças que produzem o murchamento do caule ou seca das folhas, as quais poderão ser evitadas com aplicação de Calda Bordalesa.

Para contrôlo das outras doenças, é conveniente: fazer a desinfecção das sementes com uma solução de sublimado carrossivo a 1% hastes do semeio; b) Descobrir a sementeira, para, que receba a luz do sol; c) controlar a umidade do terreno e destruir as mudas que aparecem atacadas.

PRAGAS MAIS COMUNS:

Os pulgões que atacam as couves e os repolhos podem ser combatidos com sulfato de nicotina, cuja fórmula é a seguinte:

Sulfato de nicotina a 40% 125 cm
 Sabão comum 1000 g.
 Água 100 l.

Existe ainda a lagarta comumente chamada "rosca" e o coruquere das crucíferas. A primeira que corta rente ao chão os pés de repolhos ainda novos e a segunda destrói as folhas em qualquer idade.

O combate mais indicado para essas duas pragas, é a catação manual no início da infestação.

As couves, sobretudo o repolho, quando ainda novos, são atacados por lagartinhas, "piralídio" que se alimentam das partes mais tenras às vêzes cortando o brôto inutilizando a muda, e quando assim não acontece inutilizam-na, broqueando o caule a partir da parte superior para se alimentar da medula.

Combate-se também esta lagartinha pela catação ou pulverizando com arseniato de chumbo. Da pulverização, surtirá pouco efeito, devido as regas constantes que dificilmente podemos dispensar, e que lavam as folhas retirando o inseticida. Devemos neste caso fazer a rega por infiltração.

Sempre que pudermos, devemos evitar as pulverizações com arsenicais, principalmente tratando-se de hortaliça foleácea, porque, devido o seu grande teor tóxico corre perigo para o consumidor.

SNR. AGRICULTOR:

"O reflorestamento é um poderoso meio de combater a erosão.

Distribua convenientemente as culturas, mantendo de preferência cobertos com uma vegetação perene os terrenos de maior declividade e o alto dos morros.

As matas, além dos inúmeros produtos utilíssimos, que fornecem, evitam ainda o início de formação das enxurradas que, engrossando em volumes pelas encostas abaixo, vão prejudicar os terrenos férteis situados nas baixadas ao pé do morro.

O solo arável de nossas terras de cultura é em geral pouco profundo e as adubações ainda são pouco aplicadas por deficiência técnica e custo elevado.

Nossos terrenos de cultura, de topografia geralmente acidentada, sujeitos ao fogo, à erosão e às práticas culturais errôneas, em poucos anos se empobrecem.

Mantenha, pois, a fertilidade de seus terrenos, porque dificilmente poderá restaurá-la, uma vez perdida.

Previna o futuro de seus filhos, protegendo contra a erosão e o fogo a terra, que o enriqueceu".

O REBANHO LEITEIRO

Isidro Zárata

Cada dia o problema da produção requer soluções mais imediatas, para uma alimentação suficiente e racional das populações. Até hoje, grande parte dessas populações de quase tôdas as classes, padece de uma sub-nutrição, tanto no que diz respeito à quantidade quanto à qualidade dos nutrientes.

A produção de grande parte dos produtos alimentícios de origem vegetal (caso das plantas de ciclo curto) pode ser relativamente aumentada de um ano para outro, pelo aumento dos meios de produção, e tôda vez que as condições mesológicas assim o permitam. Mas em se tratando dos produtos de origem animal, a solução do problema torna-se mais demorada, e, em certos casos, adquire um caráter bastante complexo.

Entre êsses produtos de origem animal, ninguém pode contestar que, o leite e seus derivados, constituem dos mais importantes, e a sua produção é imperiosa, tanto para satisfazer as necessidades das populações urbanas como das rurais, nestas últimas, principalmente, por constituir o leite, muitas vezes a única fonte de proteína animal.

O meio pelo qual se pode aumentar a produção de leite é pela formação dos rebanhos leiteiros e trato conveniente dos já existentes.

A maior parte dos nossos rebanhos está constituída por gado crioulo e azebuado de má conformação, de baixa produção, consumindo mais alimentos do que produz, isto é, de baixo rendimento, além de não possuírem precocidade, quer dizer, são tardios.

É verdade que um rebanho relativamente, com uma boa produção, nos oferece uma perspectiva promissora, quer pelo excelente mercado que encontram o leite e seus derivados, quer porque já vão sendo poucos os Municípios que não possuem uma usina de laticínios. Além disso o próprio criador poderá fabricar, na sua propriedade, manteiga, queijo, requeijão e os doces de leite, utilizando o leite desnatado para os bezerros, porcos e aves, para os quais constitue uma ótima fonte de proteína animal e de excelente qualidade.

Não podemos deixar de citar de passo o magnífico adubo que as vacas leiteiras proporcionam aos proprietários de fazendas e sítios e que muitos criadores não levam em conta. A título de ilustração mencionaremos que, as análises químicas mostram que em média, uma vaca bem alimentada e deixada diariamente no estábulo ou curral durante 14 horas, fornece anualmente uma quantidade de estêrco que contém: 5 quilos de fósforo, 28 quilos de azoto e 24 quilos de potássio.

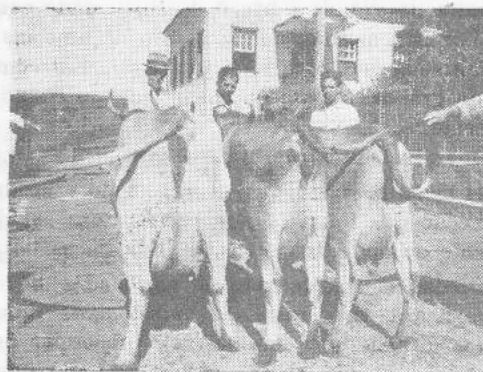
Numa época em que a maior parte das terras cultivadas se encontram cansadas e esgotadas êsse adubo constitue um grande estímulo para a produção.

Infelizmente, ao lado de tão atraente panorama que nos oferecem as inúmeras vantagens da criação do gado leiteiro, deparamos com uma grande dificuldade. Ninguém ignora que nos climas quentes como o nosso, não se tem ainda conseguido um tipo de gado leiteiro perfeitamente adaptado às condições e à sua função produtiva. Daí que a formação de um rebanho leiteiro não constitue uma tarefa fácil, porém, não se trata de uma questão impossível.

É muito provável que num futuro próximo possamos chegar a êsse objetivo de conseguir o nosso rebanho leiteiro de alta produção e perfeitamente adaptado às condições. Tudo depende de começar

quanto antes uma campanha bem orientada nesse sentido, com a cooperação de todos os criadores progressistas e sobretudo que haja persistência, isto é, continuidade nesse trabalho.

Sabemos que as raças especializadas hoje existentes, no seu processo de formação, passaram, mais ou menos, por etapas semelhantes à aquelas em que se encontram atualmente os nossos rebanhos em formação.



Esse fato nos faz crer que com um trabalho contínuo e seguindo planos previamente estabelecidos, consoantes com os conhecimentos científicos atuais, possamos dar solução a tão palpitante questão.

O clichê acima, por exemplo, nos mostra excelentes exemplares de vacas leiteiras, fruto de um trabalho persistente na formação de um rebanho leiteiro da raça Jersey. A fotografia é de animais puros por cruzamento e de alta produção pertencentes à fazenda do Sr. Alceu Junqueira Ferraz, de Leopoldina (Est. de Minas).

Esse é um exemplo digno de ser imitado pelos criadores e começar quanto antes, pois a obtenção de um tipo de animal é um trabalho para o qual a duração da vida de um indivíduo é insuficiente, precisando, muitas vezes, continuar o trabalho através de gerações para chegar a um resultado satisfatório, como podemos verificar na história da formação das raças melhoradas atuais.

Para orientar aos senhores criadores interessados nesse trabalho, iremos abordando, oportunamente, pelas linhas de "O CULTIVADOR" os diversos pontos a serem focalizados.

O MILHO

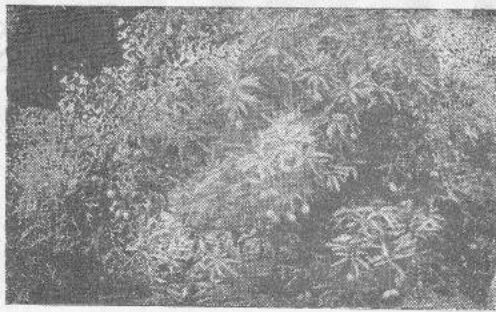
(Continuação da página 16)

do terreno nas partes mais úmidas para arroz e na parte mais alta para o milho.

O milho que se vê, foi plantado em curva de nível a fim de se controlar a erosão, que é o efeito das chuvas carregando as camadas ricas da superfície do solo inclinado para as baixadas ou para os rios.

O plantio do milho à enxada e de morro acima facilita a erosão, concorrendo assim para o empobrecimento do terreno.

ÊSTE JORNAL É CONFECCIONADO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
ESCOLA TÉCNICA DE VITÓRIA



Dados sôbre a mangueira

Emani Campinhos

Planta de grande porte e de rusticidade considerável. Por isto mesmo, não tem sido de uma maneira geral, cultivada com o carinho merecido. Entretanto, é planta de grande valor econômico, quando tratada racionalmente.

Clima: É planta tropical, que encontra em nossos meios as melhores condições de vegetação e produção, com exceção das zonas onde a temperatura cai demasiadamente ou onde as chuvas prejudicam as floradas.

Variedades: Existe muitas variedades de mangueiras. Umas, mas rústicas; outras mais finas. É com estas últimas que devemos nos preocupar devido sua grande aceitação. Dentre estas, estão as variedades, "Rosa", "Espada", "Itamaracá", "Carlota", "Carlotinha", "Parreira", "Primavera" e outras.

Solo: Por ser bastante resistente, a mangueira se mantém vários anos em vida mesmo em terras pobres. Entretanto, quando cultivada em terrenos frescos, sílico-argilosos, produz com uma abundância, digna de nota. Os lugares com excesso de umidade devem ser evitados.

Preparo do solo: Quanto melhor preparado antes da plantação, mais econômico se tornam os tratos subseqüentes, os cultivos com especialidade. Portanto, a melhor maneira é destocar, arar e gradear bem o terreno para depois vir a plantação das mudas.

Multiplicação: É feita de várias maneiras sendo, porém, mais recomendada a enxertia, podendo ser empregados os sistemas de borbullia, encostia e o de garfagem. A melhor época para a enxertia é quando a planta matriz está dando mostras de iniciar a vegetação, isto é, quando as gemas estão começando apenas a inchar para dar início a brotação.

Plantio: A melhor época para o plantio definitivo é a do início da estação chuvosa. As plantas devem ser dispostas em linhas em todos os sentidos, a fim de facilitar os tratos culturais. A distância entre as fileiras e os pés deve variar de 10 a 12 metros. Para melhor garantia da pega, as mudas devem ser plantadas com blocos, principalmente se o viveiro se encontra perto.

Tratos culturais: O pomar deve ser mantido sempre cultivado, a fim de se evitar focos de pragas e moléstias. Empregam-se para os cultivos, grades, cultivadores e mesmo a enxada na proximidade dos pés.

Podas: Esta operação se faz depois da colheita, eliminando-se os galhos secos, quebrados, brotos centrais ou muito baixos. Os troncos e ramos principais devem ser raspados com escovas de arame e pulverizados ou pincelados com uma solução de cal ou calda bordalesa.

Adubação: Conforme os casos, é recomendável a adubação orgânica (estérco) e a química, empregando-se a potassa e o azoto. O excesso de azoto prejudica enormemente a produção com considerável aumento de vegetação.

Colheita: A época varia de acôrdo com as zonas.

Geralmente de dezembro a fevereiro, havendo a colheita temporã.

O grau de maturação do fruto para a colheita, varia com o fim a que se destina. Sendo que para exportação, deve ser colhido de vez e para o consumo imediato, deve ser colhido maduro. Em qualquer um dos casos porém, o fruto deve ser colhido com todo o cuidado a fim de evitar o apodrecimento. Para isto, colhe-se diretamente com a mão ou com apanhadores próprios. No caso de embalagem, o fruto deve ser protegido com palha ou capim seco.

Pragas e moléstias: A mangueira é bastante perseguida por insetos e por diversas moléstias. A que entretanto maior prejuizo causa, é a Antracnose. Com a limpeza bem feita dos pomares e das plantas, acompanhadas de pulverizações periódicas com a calda bordalesa, pode-se assegurar ao pomar um estado sanitário sempre bom.

Produção: É variável de acôrdo com a variedade solo, meio climático, tratos culturais, etc. . Pode-se dizer que para uma árvore em franca produção, mil frutos correspondem a uma boa colheita, podendo este número ir muito além.

Na fotografia, vê-se u'a mangueira sadia, vigorosa, vegetando em terreno adequado e cuja produção foi além de 1 000 frutos.

BATATA DOCE

(Continuação da Pág. 7)

No caso de continuação de matos nocivos, estes devem ser arrancados à mão.

COLHEITA — A época de colheita é dada pela própria idade do batatal. Reconhece-se pelas ramas que amarelecem, vão murchando e em seguida caem.

Dentre os processos de colheita há os que usam enxadas, outras máquinas especiais e ainda há os que utilizam o sulcador que serve no plantio para formação de leiras e que tem dado bons resultados.

As ramas, neste caso, são removidas previamente a mão ou então com o uso do arado, passando-se de cada lado da leira.

Quando a terra estiver úmida, convém deixar as raízes, durante algumas horas, expostas ao sol, para a conveniente seca.

ARMAZENAMENTO — Não sendo possível o seu imediato consumo, deverá ser armazenada durante o tempo de espera em lugar seco e ventilado.

Deve-se evitar ao máximo, os cortes, os esfolamentos ou podridões.

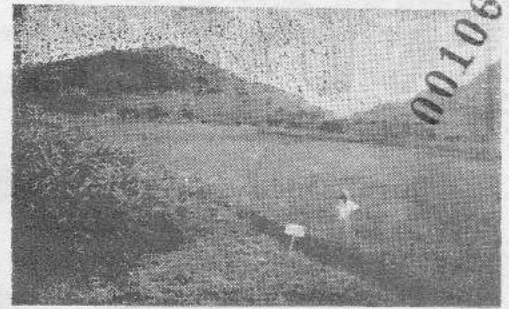
Evitar as chuvas, expô-las ao sol por 12 a 15 horas e colocá-las em depósito bem limpo e se possível desinfetado a fim de evitar podridões.

Costumam-se também colocar as batatas num monte de areia, dentro de compartimentos arejados, em ramadas alternadas de forma que os tubérculos não se toquem.

No clichê vemos o arado preparando o terreno para o plantio da batata doce.

"O MILHO"

J. R. Uchôa



Embora não tenhamos feito experimentação metódica, temos procurado fazer a cultura do milho (de alguns talhões) em terrenos mais ou menos semelhantes, procurando observar as melhores épocas para o seu plantio em nossa zona, e olhando também com certo carinho para o que diz respeito à distância no plantio.

Na Escola, temos 2 (dois) campos, separados pelo rio, distanciados um do outro de mais de 300 metros.

Num lado, ou seja, na Agrônômia "A", plantamos unicamente a variedade "CATETE"; no outro, ou Agrônômia "B", as demais variedades de que dispomos.

Em virtude de a distância de 1,10 m por 50 m não ter surtido bom resultado aqui em nosso meio, adotamos com muito mais vantagem a distância de 1,20 m a 1,30 m entre fileiras e 50 a 60 cm entre covas, deixando 2 pés em cada. Enquanto a experimentação bem conduzida em nosso meio não nos diga o contrário, reputamos essas distâncias como as melhores.

Quanto à época de plantio, aqui, como em Minas, a melhor é nos primeiros dias de outubro como provam dados que seguem.

Em 1946, para fins de observação, fizemos o plantio do milho nas seguintes épocas:

- 1 de Outubro (ótima produção)
- 23 de outubro (boa produção)
- 25 de outubro (boa produção)
- 30 de outubro (regular produção)
- 4 de novembro (produção inferior)
- 5 de novembro (produção inferior)
- 6 de novembro (produção inferior)
- 7 de novembro (produção inferior)
- 8 de novembro (produção inferior)
- 20 de novembro (péssima produção)

No ano seguinte, 1947, os plantios foram feitos, em épocas diferentes o que muito nos serviu para tirarmos os dados que abaixo mencionamos sobre "épocas do plantio".

Plantamos nos dias 9, 14, 16, 18, 20, 27, 28 e 29 de outubro, 3 a 6 de novembro e 16 a 19 de novembro.

Sobre a época de plantio, computamos uma variedade — "O CATETE" —.

Queremos chamar a atenção do leitor que não é de nossa alçada experimentação. Contudo, as observações que passamos a transcrever servem de boa orientação para nós todos.

PRODUÇÃO NAS DIVERSAS ÉPOCAS:

Variedade	Data do Plantio	Talhão	Produção por Ha
CATETE	14/10/47	1	2 908 kg
"	16 a 20/10/47	2	3 330 kg
"	28/10/47	3	2 454 kg
"	29/10/47	4	2 435 kg
"	3 a 6/11/47	5	1 658 kg

Pelos dados acima, e os do ano anterior, concluímos que as melhores produções foram dos talhões

plantados até o dia 20 de outubro, decaindo à medida que ficava mais tardio o plantio como demonstrou o milho plantado de 3 a 6 de novembro, cuja produção foi baixíssima (1 658 kg por Ha). O milho plantado entre 16 e 19 de novembro foi de produção ainda mais inferior.

Produção média do Catete plantado em outubro, levando-se em consideração diversas épocas: 2 781 quilos por Ha.

Produção média do Catete plantado em novembro: inferior a 1 658.

Mesmo considerando que a produção média de novembro tenha sido de 1 658 (foi inferior), o plantado em outubro produziu mais 1 123 quilos por Ha, que transformados em dinheiro pelo preço atual, são Cr\$ 1 123,00. Quer dizer, o atraso no plantio por 20 dias deu o prejuízo acima referido.

Pelo que ficou acima exposto e pelas observações práticas das colônias, chegamos à conclusão, que, como em Viçosa, a melhor época para se plantar o milho, é, justamente, no começo de outubro.

O plantio feito em novembro é mais que duvidoso, devendo, portanto, alguns colonos que preferem esta prática, abandoná-la porque está sempre sujeito a prejuízos. Se é feito nas primeiras chuvas de setembro, há o inconveniente de sobrevir às vezes um verão e as plantinhas sentirem, atrasando o seu desenvolvimento, fato este que redundará em menor produção.

Entretanto, o plantio nesse mês, dá melhor resultado que em novembro, porque a plantação feita em fins de setembro penderá com chuvas.

Em determinados casos, (como no caso de quem faz roça grande), o plantio de setembro deve antes ser aconselhado do que condenado. Isto não só porque a colheita é certa, como também, continuando-se o plantio, poder-se-á terminá-lo antes do fim do outubro, ficando, por conseguinte, a maior parte plantada na melhor época (outubro). Ao passo que, começando neste mês, pode-se por qualquer circunstância, atrasar e vamos fazer os últimos plantios, tarde, ou seja, em novembro, época imprópria.

Produção de algumas variedades do plantio de 1947, na Escola Agrotécnica "Espírito Santo":

Variedade	Produção por Ha	Mês do plantio
Catete	2 781 kg	Outubro
Caiano (Am.)	3 052 kg	" "
Palha Roxa	2 200 kg	" "
Pipoca	677 kg	" "
Híbrido	2 053 kg	Novembro

O milho híbrido, com a produção de 2 053 kg por Ha, o que aos olhos do observador precipitado pode parecer pouco, fez notável vantagem em comparação ao catete, porque: 1.º) foi plantado, mesmo de propósito em terreno mais fraco; 2.º) plantio tarde. Comparando-se a sua produção com a do catete

(Continua na página 16)

NÚMERO ESPECIAL

Justificando o seu silêncio durante o mês p. p., "O CULTIVADOR" aparece, risonho e tranqüilo, trazendo o material que propositadamente deixou para a sua publicidade neste dia de festa da nossa Escola.

Ele sabia que aqui haveria de reunir de uma só vez, muitos e muitos de seus amigos e separou-os de coração aberto.

Nada falhou. O seu propósito foi coroado de êxito. Realmente, os seus amigos Lavradores vieram ao seu encontro e hoje espalham pelos recantos de sua casa, palestrando animadamente, falando da Agricultura, da Pecuária e de Indústrias Rurais. Comentam os conceitos médicos. Referem aos homens de boa vontade que também aqui vieram para nos auxiliar e cooperar na vitória de nossas iniciativas. Traçam em comum, planos de melhor aproveitamento das terras. Entram em contáto com novas práticas racionais para melhorar o rebanho e aumentar a produção.

E enquanto as horas passam, alastram as conversações e as idéias se entrelaçam com a beleza e significação de nossa Escola, que ativa, silenciosa, acompanha o borbórinho de seus filhos qual venturosa mãe num dia de sua consagração.

Em cada semblante, vê-se a animação como única característica de aproveitar o

A ESCOLA E OS NÚCLEOS

A Diretoria da Escola, desejando cumprir fielmente os preceitos da Lei Orgânica do Ensino Agrícola que determina atender aos interesses dos que trabalham nos serviços mister da vida rural, promovendo a sua preparação técnica e a sua formação humana, foi buscar para chefiarem os Núcleos da Agricultura e Zootecnia e lecionarem as respectivas matérias, os competentes e abalizados agrônomos, Drs. José Farah e Isidro Zárate.

Estes dois moços, auxiliados por Técnicos Agrícolas, têm sido incansáveis na batalha de soerguimento das Secções que chefiam. Estão certos que attingirão a glória dos seus sonhos pois para a conquista da qual vemô-los trabalhar até os domingos, a fim de não perderem a mira do rumo traçado e de terem tudo pronto a tempo e a hora, em condições de prestar ao lavrador do Espírito Santo, os meios necessários para que este, agindo com técnica, possa prestar a sua propriedade e ao Estado um grande concurso na sua reforma econômica.

Dando esta pequena nota rendemos às pessoas de José Farah e Isidro Zárate uma justa e merecida homenagem e a todos os seus dedicados auxiliares que sem exceção, marcham ombro a ombro em busca de um único ideal: — elevar bem alto o nome da Escola e da Agricultura Capixaba.

tempo e levar consigo os ensinamentos que hão de orientá-lo, quando em suas terras, o suor irrigar o fruto do seu trabalho.

Por isso, caros Lavradores, "O CULTIVADOR", aliando aos princípios que norteiam a ação de Escola Agrotécnica do Espírito Santo, dedica este NÚMERO ESPECIAL a todos que cooperam para a sua apresentação tão magestosa e simbólica.

A êles, os nossos agradecimentos sinceros.

O MILHO

(Continuação da página 15)

também plantado na mesma época, o milho híbrido produziu mais 375 quilos por Ha, ou seja, 18% a mais.

O milho Palha Roxa. Semente conseguida na colônia. Muitos colonos reputam-no como muito bom. É um milho de porte baixo, espigas bem inseridas (no meio do pé), muitos pés com mais de uma espiga; espigas médias, de boa grossura, muito bem empalhadas; palha grossa e roxa; sabugo roxo; bem resistente ao caruncho.

É de todo interessante continuarmos a sua seleção, aproveitando suas boas qualidades.

Caiano. Muito preferido pelo colono. É mole e em virtude dessa particularidade, os proprietários de moinho aceitam-no para desintegrar, regeitando, muitos, entretanto, o catete por ser duro. Sua produção é muito boa, não obstante serem raríssimos os pés de 2 espigas. Como todos os milhos moles, é facilmente estragado pelo caruncho o que não sucede, com tanta facilidade, ao catete. Deve-se continuar plantando-o, mas plantar em maior escala o catete que tem qualidades que não tem o caiano.

Milho pipoca, cuja produção foi de 677 quilos por Ha, é sempre vendido por prego compesador: Cr\$250,00 a mais por sacco de 60 quilos, o que corresponde de Cr\$2.850,00 a mais por Ha. O seu beneficiamento é um pouco mais dispendioso que os demais. Regulando-se bem o debulhador, conclue-se a operação de limpeza dos restos de caroços à mão. Seu plantio deve ser bem mais junto (1m a 1,10m entre fileiras).

O catete é um milho que pelas suas boas qualidades, o colono deve plantar bastante na colônia. É pouco exigente em terreno, pesado, o mais resistente ao ataque do caruncho, de ótima coloração, grande aceitação no mercado e de grande produção. Na colônia deve-se plantar tanto o caiano quanto o catete. O primeiro para ser consumido mais cedo e o último, por ser mais resistente ao caruncho deve ser consumido por último ou no caso de se querer esperar bom preço, guardá-lo de preferência.

Na gravura pode-se observar o aproveitamento

(Continua na página 13)